

REDES DE PODER: A VISÃO GERAL DE UMA ATIVIDADE QUE MOLDOU O SUL DO BRASIL

Marcos Adriano Dalla Vecchia*

Claudio Luiz Orço**

Alessandro Batistella***

Resumo

Este artigo teve por objetivo mostrar uma visão geral do conceito de redes de poder e como elas podiam ser encontradas no Brasil meridional entre os anos 1750 e 1800. Utilizando a bibliografia para entender as redes, buscando primeiro os integrantes delas, suas profissões e seus objetivos, procurando entender o porquê dessa aliança, buscou-se averiguar de que forma essas relações eram formadas, que tipo de acordo era firmado, tornando possível identificar as transações comerciais e as relações sociais. Trabalhou-se com a figura do coronel como uma pessoa central que era no interior do Brasil, abordando as alianças sociais, políticas e econômicas realizadas por ele para se manter no poder. Além desse homem, também foi trabalhado com as pessoas ao seu redor, ou seja, o outro lado da aliança, pessoas comuns que eram os compadres, tropeiros mercadores e outros coronéis. Procurou-se entender o tempo de duração de um acordo na sua origem, não o quanto realmente durava, por haver inúmeros fatores que poderiam diminuí-lo, além de perceber também o que era preciso para manter este acordo de pé. Partiu-se de um ponto em que as várias formas de acordos foram empregadas e utilizadas; pode-se observar que todos estes acordos afetavam a vida social das pessoas que viviam nesses povoados. Este estudo é uma visão geral das redes de poder e a sua implicação na sociedade colonial.

Palavras-chave: Brasil colonial. Coronelismo. Redes de poder.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com Comissoli (2011, p. 30), rede social (*social network*) é o conjunto de interconexões entre as diversas pessoas dentro de um sistema social. Essas conexões resultam das interações desenvolvidas entre os sujeitos, pois de cada um deles partem e chegam relações com inúmeros outros, em muitos casos existindo mais de um tipo de ligação entre dois personagens. Dessa forma, “[...] as redes sociais se compõem de relações específicas entre os sujeitos que devidamente articuladas dão forma à sociedade.” (COMISSOLI, 2011, p. 36).

Segundo Fragoso (2010, p. 23), as “[...] redes são *networks* de relacionamentos constituídos a partir das ações e das relações vivenciadas entre diversos indivíduos com acesso a informações e recursos diferenciados entre si.”

Para Portugal (2007, p. 23), uma rede social pode ser definida como “[...] um conjunto de unidades sociais¹ e de relações,² diretas ou indiretas, entre essas unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável.” Conforme a autora, a utilização da teoria das redes pode ser útil para a compreensão de dois aspectos: explicar o comportamento dos indivíduos por meio das redes em que eles se inserem; e explicar a estruturação das redes a partir das interações entre os indivíduos e das suas motivações (PORTUGAL, 2007, p. 9). Dessa maneira, as redes são canais de circulação de

* Acadêmico do Curso de História da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê

** Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo; Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo; Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Histórico (Geppac) da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Dirceu Giordani, 696, Jardim Tarumã, 89820-000, Xanxerê, SC; claudio.orco@unoesc.edu.br

*** Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo; Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor do Curso de História da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; alessandro-batistella@yahoo.com.br

recursos (materiais e imateriais), de informações e de influências que podem oferecer determinadas oportunidades³ e escolhas que de outra maneira não estariam disponíveis aos seus membros (PORTUGAL, 2007, p. 16).

Contudo, é impossível falar em rede sem falar dos sujeitos que a compõem. Nesse sentido, o presente artigo abordará as redes de poder que se formaram no interior do Sul do Brasil, mais especificamente as redes sociais de poder tecidas pelos coronéis de 1750 a 1800.

O termo coronel vem do latim *collunna*, que significa pequena coluna, e embora tenha surgido no antigo Império Romano, nunca foi utilizado como patente em seus exércitos. Nas palavras de Joel Caldas (2007):

De acordo com estudos históricos a patente de coronel, uma das mais valorizadas, deixou aos poucos de se relacionar estritamente ao exercício de uma função militar ou policial, passando popularmente a ser empregada para distinguir os chefes políticos. É possível que o significado da palavra fosse adequado ao contexto político para designar o autoritarismo com que esses chefes políticos tratavam seus apadrinhados, é quase um consenso que na cultura militar, seja estadual ou nacional não se admite nenhum tipo de insubordinação por parte de seus subalternos, caso ocorra o indivíduo é tratado com rigor, com a intenção não de rever o erro, mas de mostrar o poder do seu superior na hierarquia, e acima de tudo servir de exemplo para os demais.

O coronel é base de um período que ficou conhecido no Brasil como coronelismo, que surgiu no Período Regencial (1831-1840), mais precisamente em 1831, com a criação da Guarda Nacional. Mas deve-se lembrar que a atuação desses homens no interior do Brasil começou muito antes deste Período. Depois da Guerra Guarânica (1754-1756), o Noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul tornou-se um espaço para que grandes criadores de gado se instalem, originando os primeiros povoados.

No interior do Brasil, o coronel era um chefe político com caráter autoritário, ou seja, considerava-se dono do lugar e das pessoas que ali residiam, muitas vezes utilizando a violência física para conseguir chegar ao seu objetivo.

O papel do coronel era o mais importante, pois ele era o pivô central da rede, em todos os aspectos que ela estava envolvida. Era ele que apadrinhava, comerciava com os tropeiros, entrava em acordos políticos com outros coronéis e comandava os capangas.

O coronel era um dos lados de uma rede, pois havia também o lado das pessoas que faziam esses acordos com ele. Os acordos que ocorriam com mais frequência eram os de famílias que escolhiam esses coronéis para o apadrinhamento de seus filhos. O apadrinhamento é, de certa forma, simples. Depois do nascimento de uma criança, que pode ou não pertencer à província de tal coronel, ele é convidado a ser padrinho desse bebê, arcando com os custos do batismo. Dessa forma, cria-se um vínculo de amizade e gratidão, que também pode ser considerado servidão, já que as famílias ficam reféns da vontade deste coronel. Estas famílias podem optar por apoiar seu compadre, dependendo se sua influência é política ou econômica, ou podem agir contra ele, mas com cuidado para que não sejam descobertas e passem a sofrer sérias consequências.

Também passavam pela região mercadores, ou tropeiros, que negociavam o gado e o charque produzidos nesta. Eles compravam o gado de um coronel e, em troca, não comerciavam com um coronel rival, além de proteger os interesses de seus aliados em São Paulo.

Outra forma de acordos eram aqueles firmados com outros coronéis, buscando aumentar sua influência política e econômica, a fim de manter o monopólio regional.

E, por fim, existiram os capangas, ou a força militar do interior do Brasil. Esses homens eram fortemente armados e mantinham a ordem na localidade, atendiam diretamente às ordens de um coronel, protegendo seus interesses e cometendo crimes de uma violência brutal.

2 RELAÇÕES FIRMADAS

2.1 AS FAMÍLIAS

O apadrinhamento era a forma mais comum de rede, pois ligava, na forma de compromissos, um coronel e uma família. Após o nascimento do apadrinhado, o pai “convidava” o padrinho, assim como é hoje. O padrinho custeava o batismo do afilhado, que custava muito na época e variava de acordo com a igreja que o realizava; assim, a criança não ficava fora da religião e a família tinha, por assim dizer, uma dívida com o coronel. Assim, se futuramente o padrinho precisasse de algum favor desta mesma família, ele teria um trunfo, cobrando o favor de batizar a criança. Com esse intuito de cobrança de favores, um coronel poderia ter dezenas de afilhados, montando uma rede de favores, a qual poderia ser estendida por uma vasta área.

Havia também o apadrinhamento de índios, com o mesmo sentido em que eram apadrinhadas as demais pessoas de uma região, mas o público-alvo mudava. Com o índio ao seu lado, o coronel também tinha influência nas localidades indígenas. Há uma ressalva a ser feita quando se fala do apadrinhamento indígena; a igreja não batizava pessoas que não seguiam as tradições católicas, então eram alguns filhos de indígenas batizados que adotavam nomes cristãos e que podiam ser apadrinhados; dessa forma, foi encontrado entre 1750 e 1800 apenas um livro de batismo indígena na Província de Rio Pardo. Geralmente, essas crianças tinham pais influentes dentro da sociedade indígena, logo, essa influência era usada pelo coronel em seu propósito.

Essa era a mais comum das formas de rede, simples, mas com um sentido que podia acarretar grande domínio político-social da região de atuação deste coronel.

2.2 OS MERCADORES

A Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul era um local propício para a criação de gado em razão da sua localização e de aspectos geográficos. Sobre isso, fala Buarque de Holanda (2003, p. 251):

O relevo é formado por suaves colinas; a altitude e a latitude tornam o clima bastante ameno; os numerosos rios e riachos que recortam os campos suprem de água o rebanho; a vegetação rasteira, composta principalmente de gramíneas e algumas leguminosas, fornece ao gado a melhor e mais rica forragem nativa do Brasil; capões de mato e floresta ciliares abastecem de lenha e madeira os fazendeiros.

É possível constatar que a atividade pastoril era a base econômica da sociedade regional, por sua característica geográfica que proporcionava alimento ao gado e matéria-prima à construção de casas, currais e galpões para a produção do charque.

Graças a essas condições, surgiu na província um grande número de estâncias criadoras de gado, o que fez surgir uma nova fonte de renda para os habitantes locais, os mercadores, mais conhecidos como tropeiros.

Os tropeiros faziam parte da vida rural de pequenas localidades no sul do Brasil. Com vestimentas tipicamente gaúchas, os tropeiros dirigiram rebanhos de gado e levaram bens produzidos na região para São Paulo, a fim de realizarem o comércio na feira de Sorocaba e outros lugares, como a capital, Rio de Janeiro.

Como a economia regional era basicamente a criação de gado e a produção do charque, os tropeiros tinham um papel muito importante para o coronel, uma vez que eles levavam sua produção até o ponto de venda. Assim, para o dono dos animais, ter uma aliança com tropeiros era certeza de lucros, e para o tropeiro também era um bom negócio, pois, pois poderia tirar seu sustento e em caso de haver algum problema, ele poderia contar com o coronel para ajudá-lo a resolver esse infortúnio.

Outro fator importante era a família do tropeiro, que vivia nas terras do coronel para quem aquele trabalhava. Isso acarretava um trabalho forçado para poder proteger a sua família, mantendo o contrato com o coronel.

Essa é mais uma variação do conceito de redes que se pode identificar no Sul do Brasil, onde um mercador vendia para um coronel em troca de auxílio em sua vida pessoal.

2.3 ALIANDO-SE AO INIMIGO

Apresenta-se agora uma terceira maneira de rede, as alianças com outros coronéis. Eram basicamente dois homens com um poder de influência menor, juntando forças para concorrer com um ou mais homens no quadro político-social de sua região, ou até dois coronéis rivais, mas que em um acordo, juntavam seus poderes políticos e econômicos para aumentar sua influência no quadro político-social regional e dividi-la nos novos territórios anexados.

Era muito comum encontrar em uma determinada localidade mais do que um coronel, que, é claro, competiam um contra o outro. Essa competição variava muito de acordo com a situação comercial, política e social de tal localidade. Atuando desde o comércio de gado e charque até as questões político-sociais, os coronéis protagonizavam legítimas batalhas do interior.

Com o auxílio dessas novas alianças, os ideais dos coronéis alcançavam novas vilas, chegando a mais pessoas e tornando-os conhecidos regionalmente. Conseguiam, assim, mais apoio nas investidas sociais, como apadrinhamentos e favores concedidos que, futuramente, poderiam ser de grande valia para as suas ambições pessoais.

Vale ressaltar que nem sempre as alianças eram amigáveis, muitos desses coronéis as obtinham por meio de força, obrigando um homem com poderes a influenciar menores a seguirem os seus ideais, utilizando os serviços de um grupo de homens conhecidos como capangas – homens fortemente armados que constituíam o corpo policial do coronel realizando suas vontades e impondo medo nas pessoas que não seguiam corretamente os contratos já firmados. Quando era necessário obter a “amizade” de um coronel inimigo depois que todos os trabalhos diplomáticos haviam falhado, esses homens entravam em ação, iniciando um conflito com os capangas do outro coronel, o que geralmente acabava com várias pessoas mortas e com um dos coronéis conquistando o aumento da sua influência regional, ou com o outro mantendo suas terras e poder.

3 A LONGEVIDADE DE UMA REDE: COMO ERAM MANTIDOS OS ACORDOS

Todo o acordo tinha um período de duração. Podia durar por um mês, um ano ou até por uma vida inteira. Mas vale ressaltar a possibilidade de ocorrerem várias situações que poderiam diminuir o tempo de duração de um acordo. Portanto, o que será abordado é o tempo geral de duração previsto inicialmente no acordo que fundamentava uma rede, já que haviam inúmeros fatores que poderiam afetar esta duração e a forma com que as pessoas pertencentes ao acordo mantinham suas palavras.

Analisando as três principais redes encontradas, o apadrinhamento tinha a duração mais longa. Como a pessoa que fora apadrinhada devia favores e, na maioria das vezes, vivia mais que o coronel, tornava o acordo longo e duradouro. Isso acarretava uma corrente longa, já que os filhos desse mesmo afilhado também poderiam ser apadrinhados pelo mesmo coronel, e, por mais que não fossem apadrinhados, os herdeiros dos afilhados do coronel, indiretamente, também deviam favores.

Esse acordo entre coronéis e familiares perdurava muito tempo, desde que as famílias cumprissem a sua parte nele. Assim, um coronel poderia ter influência sobre várias famílias, mediando seu jeito de pensar e agir, difundindo e defendendo os ideais de seu padrinho por um longo período.

Para manter essa rede estável, os afilhados e seus familiares seguiam as regras do padrinho, mantendo vivas as suas ideias, enquanto o coronel defendia seus afilhados contra ideias e capangas de coronéis rivais. Se isso ocorresse, a rede poderia durar por vários anos.

Esse contrato com os vários afilhados que um coronel possuía acarretava uma grande rede de pessoas ligadas a este coronel, difundindo seus ideais. Então se formava uma grande rede de influências, que divulgava as ideias e ordens do compadre por toda a região.

Conforme já mencionado, o contrato entre o coronel e o tropeiro constituiu uma segunda forma de rede. Este contrato, diferentemente do apadrinhamento, não tinha uma duração muito longa, geralmente durava os seis meses que compreendiam a metade da primavera até a metade do outono, pois era nesse período que o gado estava em seu ápice e poderia ser vendido mais rápido, por apresentar uma estrutura muscular mais atrativa.

Esse acordo era curto, porém, rentável, já que o tropeiro era o responsável por guiar a tropa dos animais e levar o charque até a feira de Sorocaba em São Paulo, que era o principal destino, mas também a outros lugares como a capital do Brasil, o Rio de Janeiro e a fazenda do comprador do gado. Ele tinha a responsabilidade de entregar o gado e garantir que o patrão não tivesse prejuízo, por isso era bem tratado pelo seu empregador. Assim, se o tropeiro entregasse o gado sem contratempos, teria a sua remuneração garantida.

Analisando as relações entre os coronéis, pode-se dizer que não era muito amistosa. Geralmente, os homens retidos nesses acordos tinham apenas um objetivo em comum e depois de alcançado este objetivo, geralmente ligado ao poder político ou econômico, as alianças acabavam.

Em tais acordos, os dois coronéis cumpriam suas palavras e sempre geravam desconfiança um do outro, pois como se tratavam de inimigos estavam sempre à espreita do que poderia acontecer.

Assim, pode-se perceber que cada um dos acordos tinha seus atributos e trazia aos coronéis vantagens em troca de favores. Dessa forma, eles conseguiam manter suas influências vivas em sua região, preservando a ordem e buscando os poderes político, social e econômico regionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo veio com a finalidade de demonstrar as relações entre as pessoas que formavam o Noroeste da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, mostrando uma de suas características: as redes de poder formadas pelos coronéis locais.

Partindo de um ponto em que as várias formas de acordo foram empregadas e utilizadas, pode-se observar que todos esses acordos afetavam a vida social das pessoas que viviam naqueles povoados.

Foram observadas três maneiras nas quais as redes se apresentavam no âmbito social local: os apadrinhamentos, os comerciais (com mercadores, tropeiros) e os políticos (alianças com outros coronéis). Considerando cada um dos acordos abordados, é possível perceber as peculiaridades de cada um, observando seus pontos positivos para os dois lados dos acordos.

Posteriormente, observou-se a duração de um acordo, lembrando sempre que foi considerada a previsão de duração, e não o tempo que ele realmente durou, já que existiam inúmeros fatores que levavam ao seu rompimento. Conforme a forma de acordo (apadrinhamento, econômico, político), havia um tempo de duração, e para ser mantido este tempo, era preciso que as duas partes cumprissem suas obrigações.

Durante todo o trajeto deste estudo, a principal dificuldade foi encontrar material disponível para realizar a pesquisa, já que se trata de um campo não muito estudado.

Dessa forma, optou-se em refletir acerca de como as redes de poder poderão auxiliar para a compreensão dos motivos que levaram essas pessoas a aderirem a um acordo. Assim, será possível entender realmente o que se passava nessa região em uma época importante da história do Brasil.

Resumen

Este artículo pretende dar una visión general del concepto de redes de poder y cómo se podía encontrar en el sur de Brasil entre 1750 y 1800. El uso de la literatura para entender las redes, en busca de miembros de la red primero, sus profesiones y sus metas, tratando de entender por qué esta alianza. Buscamos para investigar cómo se forman estas relaciones, qué tipo de acuerdo se firmó, por lo que es posible identificar las transacciones comerciales y las relaciones sociales. Trabajar con la figura del coronel como un personaje central, que estaba dentro de Brasil, frente a las alianzas sociales, políticas y económicas que se hicieron por la figura del coronel para mantenerse en el poder. Además de este hombre también se va a trabajar con la gente que te rodea, o al otro lado de la alianza, las personas comunes y corrientes que eran compinches, comerciantes, arrieros y otros coroneles. La comprensión de la duración de un acuerdo sobre su origen, no cuánto duró en realidad, porque hay numerosos factores que podrían disminuir la duración del convenio, así como darse cuenta de lo que se necesita para mantener este acuerdo permanente. A partir de un punto en el que se utilizaron y utilizan los diferentes tipos de

acuerdos, podemos ver que todos estos acuerdos afectaron a la vida social de las personas que viven en estos pueblos. Este estudio es una visión general de las redes de poder y su implicación en la sociedad colonial.

Palabras clave: Brasil colonial. Coroneles. Redes de energía.

Notas explicativas:

¹ As unidades sociais podem ser indivíduos ou grupos de indivíduos, informais ou formais, como associações, empresas e países.

² As relações entre os elementos da rede podem ser transações monetárias, troca de bens e serviços, transmissão de informações, podem envolver interação face a face ou não, podem ser permanentes ou episódicas.

³ Um exemplo cotidiano é o acesso ao emprego. Um indivíduo pode, por meio da sua rede de relações sociais, ter a informação acerca da vaga de emprego ou pode também ser indicado ao cargo por um amigo ou conhecido.

REFERÊNCIAS

CALDAS, J. V. **O coronelismo no Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios/o-coronelismo-no-brasil/46366/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

GIL, T. L. **Infiéis transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)**. 2002. 221 p. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GRANOVETTER, M. S. La fuerza de los vínculos débiles. **Revista Política y Sociedad**, Madrid, v. 33, p. 41-56, 2000.

HOLANDA, S. B. de. **História geral da civilização brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

IMÍZCOZ, J. M. **Introducción actores sociales y redes de relaciones: reflexiones para una historia global**. Redes familiares y patronazgo. Aproximación entramado social de País Vasco y Navarra em el Antiguo Régimen (siglos XV-XIX), Universidade del País Vasco, 2001.

PORTUGAL, S. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, n. 271, 2007.

SKIDMORE, T. E. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TRINDADE, J. B. **Tropeiros**. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações Ltda, 1992.

WHITE, H. C. La construcción de las organizaciones sociales como redes múltiples. **Revista Política y Sociedad**, Madrid, v. 33, p. 91-103, 2000.